

RUBEM BRAGA

RECIFE

FAÇO uma pequena preparação sentimental ao arrumar as malas para um fim de semana no Recife. É verdade que já estive ali duas ou três vezes de passagem depois da temporada em que morei na cidade; mas o meu Recife é aquele que preciso me preparar para não ver mais, o de 23 anos passados.

Pau de crara às avessas, saltel ali de uma terceira classe do Lóide; tinha dinheiro para a primeira classe, mas resolvi tentar a sorte na Urca às vésperas da viagem... Fui parar numa pensão da rua da União, onde moravam também Ulisses Braga Júnior, meu companheiro de quarto, Valdemar Cavalcanti e Diegues Júnior. Passei-me depois para a rua dos Pires, casa de D. Berta e «seu» Salomão, pais de Noel Nutels, onde também viviam Capiba, dois irmãos Suassuna, Fernando Lôbo...

O dinheiro era curto, o trabalho muito, a cerveja do cabaré «Taco de Ouro» custava caro, era um luxo para sábados. Havia prazeres raros, esquivos: ir à casa de Alfredo Monteiro ouvir Leda Baltar cantar maracatus, madrugár com a moreninha Gilberta num sarapatel com cachaça no mercado do Bacurau...

Adoei de doença feia, andei prêso, quase morri; aproveitei a primeira estadia de meus males para vir-me embora. Foi uma temporada de lutas e durezas, mas eu era tão môço: guardei do Recife não sei que vagas imagens líricas, gôsto de frutas, visão de morenas finas, tristezas de pontes, esperanças.

E uma saudade de coqueiros, cajueiros e romances que lá eu nunca tive nenhuns.

«UMA LEMBRANÇA»

Donativo Para a Companheira de Catulo Cearense

Nosso companheiro Rubem Braga escreveu há tempos uma crônica — «Uma lembrança» — em que se referia à triste situação da antiga companheira de Catulo da Paixão Cearense. A casa em que ela vive, cheia de livros e objetos de Catulo, está ameaçando ruir, e ela não tem dinheiro para consertá-la, pois vive apenas de seu serviço de lavadeira.

Em sua crônica, Rubem Braga apelava para as autoridades — inclusive para o próprio presidente Juscelino, como admirador da música popular — no sentido de ser prestada alguma assistência a «siá» Maria Augusta.

O apêlo do cronista não teve, que se saiba, nenhuma acolhida nos meios oficiais. Um seu leitor de São Paulo — o sr. Fuyouo Koyama, residente à rua Nilo, 145, bairro da Aclimação, naquela capital — comoveu-se, entretanto, com a história e remeteu ao cronista um cheque de mil cruzeiros (Cr\$ 1.000,00) para ser entregue à companheira do autor do «Luar do Sertão».

O cheque encontra-se em nossa redação, onde d. Maria Augusta pode procurá-lo com o sr. Cleanto, das 14 às 18 horas.